

Jornal de Melgaço

Proprietario e Administrador,
Duarte Augusto de Magalhães

ORGAO DOS INTERESSES LOCAIS

EDITOR,
Manoel Joaquim Esteves Calçada

FALSIFICAÇÃO DE PROJECTO

O facto que vamos narrar diz respeito á falsificação do projecto das concessões no ultramar, e por isso, para que se avalie de tal audácia, trasladamos do nosso presado collega «O Seculo» o seguinte extracto.

«O caso da falsificação do texto do projecto relativo a concessões ultramarinas, cuja denuncia impressionou profundamente a camara dos deputados, é o assumpto de todas as conversações politicas. Sobretudo, a alteração do artigo 71.º era a que mais se frisava, pois evidentemente, não podia ser attribuida a erro typographico. Esse artigo, no projecto apresentado ao parlamento, dizia o contrario do que a commissão do ultramar resolvera e votara.

Mas o que é mais significativo, é o relatório que acompanha o projecto estar de accordo com a alteração soffrida depois de sahir da commissão, o que exclue a ideia do erro typographico.

O texto falsificado do artigo 71.º declara o governo sómente obrigado a dar conta ás côrtes das concessões feitas, o que é o mesmo que tornal-as definitivas, respondendo o governo apenas politicamente pelo acto. A resolução da commissão do ultramar, pelo contrario, deixava as concessões dependentes da approvação do parlamento. O alcance da falsificação do texto é evidente. Se passasse sem protesto, ficavam desde já definitivas todas as concessões feitas pelo governo e ainda as que tem sido feitas pelo sr. commissario régio de Moçambique, visto ser esta auctoridade uma delegação do executivo.

A gravidade da falsificação fica assim plenamente demonstrada.

Mas a questão das concessões envolve ainda outro problema não menos curioso; qual é o da definição da auctoridade do sr. commissario régio. E', com effeito, uma delegação do executivo da metropole, e, portanto, uma auctoridade subordinada a esse, ou um poder executivo independente d'elle?

Pela doutrina sustentada na sessão de ante-hontem pelo sr. ministro da marinha, o executivo de Moçambique não é propriamente uma delegação do executivo da metropole, visto que este não pode annular ou suspender os actos d'aquelle, função que compete unica e exclusivamente ao parlamento.

Das palavras do illustre ministro chegou hontem um collega a tirar a extranha conclusão de que a ordem natural das coisas está invertida, pois

«quem manda é o poder executivo de Moçambique; quem obedece, e se humilha, e anda de roço é o poder executivo de Portugal.»

Se é extranha esta conclusão, não deixa contudo de ter um certo fundamento. Ainda hontem o «Seculo» publicou um telegramma do Porto, em que vinham as declarações feitas pelo sr. Mousinho de Albuquerque á commissão de industriaes que veio a Lisboa por causa da questão dos exclusivos em Africa. E essas declarações corroboram aquella conclusão. Não só o sr. commissario régio disse não poder prescindir de certos exclusivos como os das moagens, do asucar, do alchool, da polvora, da dynamite, etc., mas ainda accrescentou que se o governo da metropole não lhe concedesse esses exclusivos, os concederia elle em Moçambique, pois não recuava nos seus propósitos!

Deante de taes declarações, o que se ha de pensar da actual situação politica?

A opinião geral ácerca do ministerio e da sua situação á frente dos negocios publicos é afinal a que está exarada no seguinte trecho d'um artigo do «Popular»:

«Ao governo resta apenas, depois do naufragio completo das providencias que no principio indicou, da falencia total da confiança que no começo o paiz depositou n'elle, da clara e notoria demonstração da sua falta de ideias sobre todos os ramos da administração do paiz, resta apenas dizemos, demittir-se o mais depressa possivel, porque cada dia que ainda está fingindo de vivo, cada hora que passa arrastando-se na absoluta impotencia de fazer qualquer coisa util, cada vez mais agrava, podendo tornar irremediavel, esta conjunctura tão extremamente grave.»

A conquista de Portugal

Uma phrase de um vulto carlista hespanhol, o sr. Nocedal, diz o nosso presado collega «Diario de Noticias», susceptibilisou com justo motivo a generosa mocidade academica de Coimbra, que presa, tanto ou mais que a independencia do seu caracter, a independencia do paiz.

Applaudimos o procedimento da academia coimbricense e collocamo-nos a seu lado. Embora julgemos que a phrase

do sr. Nocedal não tem outra resposta senão o silencio e o desprezo, entendemos todavia que não fica mal o protesto respeitoso e altivo, para que se não fique pensando que quem cala consente, e que a conquista de Portugal é uma coisa facil, porque nós a toleramos e estamos quasi suspirando por ella.

O que disse o sr. Nocedal foi sobretudo uma falta de delicadeza e de gratidão, uma d'estas inconveniencias que nem mesmo se permitem como phrase de effeito para armar á popularidade e para hypnotisar o sentimento das massas.

Custa a comprehender como um homem, que não é por certo desprovido de intelligencia e de bom-senso, se lembrasse de dizer que a perda de Cuba seria compensada com a conquista de Portugal e que os louros que o general Weyler não pôde ceifar nas Antilhas reverdeciriam para a sua cabeça n'esta campanha da península.

A inopportuna não pode ser nem mais aggravante nem mais infeliz. Pois se a Hespanha se considera ou se vê impotente para conquistar Cuba, como é que ella depois d'isto, intentaria uma guerra de absorção contra Portugal? Aca-so temos nós menos direito que aquella ilha para proclamar e sustentar a nossa autonomia? O absurdo é de tal ordem que só se acredita n'elle por ser absurdo.

A Hespanha toda se susceptibilisa e toda se indigna só porque os Estados Unidos ameaçam promover a separação de Cuba da mãe patria, e hade essa mesma Hespanha, que se presa de tão cavalheirosa, tentar contra a integridade d'um paiz visinho e amigo, garantida por uma existencia historica de sete seculos? Extraordinaria contradicção!

Se as palavras do sr. Nocedal são por todos os modos inopportunas e impoliticas, não são menos condemnaveis pelo lado da delicadeza e da gratidão.

Na crise angustiosa que a Hespanha tem ultimamente atravessado, a braços com a temerosa insurreição de Cuba e das Philipinas, as sympathias de Portugal acompanharam-na sempre, incitando e applaudindo os seus heroicos esforços patrioticos. Ainda ha poucos mezes uma esquadra hespanhola esteve no Tejo e os seus marinheiros foram alvo, por parte dos nossos compatriotas, das provas da mais inequivoca e entusiastica estima.

Fizemos tudo isto desinteressadamente, por um impulso natural, sem mira em recompensa de qualquer especie, mas confessamos que nos surpreendeu semelhante paga, que não é decerto a moeda que devera ter curso na patria do Cid.

Um subdito hespanhol, o sr. José Cervans y Rodriguez, pu-

blicou no «Primeiro de Janeiro» uma carta repellindo as palavras do sr. Nocedal, dizendo que ellas podem exprimir o pensamento d'um individuo, mas não o ideal da Hespanha liberal.

Registamos com prazer este protesto, posto que não tenha senão um valor particular, mas estimariamos mais que a imprensa hespanhola se tivesse antecipado, exarando-o de preferencia. Não ha n'isto de consideração para com ninguém, nem menos apreço da amigavel epistola do sr. Cervans y Rodriguez, a quem não podemos deixar de enviar o nosso aperto de mão, signal do affecto mutuo, que deve ligar os dois povos.

E n'esta confraternidade sincera porque não havemos de viver sempre unidos? Porque ha de haver uma voz dissonante que a venha perturbar?

Jogo do padre cura

A «Tarde» publicou ha dias o seguinte e engraçado *suelto*:

«Não ha duvida que este governo tem sido para as finanças portuguezas o que é a formiga branca para as madeiras; mas é um governo alegre, e ainda mais divertido que a arte de sacar muelas, no dizer do barbeiro castelhano.

Agora até lhe deu para jogar o jogo do padre cura. Sabem? «Estando eu no meu altar, a dizer á minha missa, mandei o meu moço buscar hortaliça.» «Mente Vossa Senhoria.» «Onde estava você?» «Estava na casa da cozeira.» «Mentes tu.» Etc. Assim o governo. E' desmentido que te parto.

Diz o sr. Ressano que não pode dar explicações sobre a conversão, porque ha negociações pendentes no estrangeiro. Responde o sr. Kergal, lá de Paris:—Mentes tu!

E o sr. de Bulow, de Berlim:—Mente Vossa Senhoria! E a Inglaterra:—Mente voceccé!

Diz o «Correio da Noite» que as 32:000 estão livres e desembarcadas, que é invenção das folhas opposicionistas terem ido para o prego.

O sr. ministro da fazenda:—Mentes tu!

O sr. José Luciano:—onde estão as obrigações?

O sr. Ressano:—Estão empenhadas em Paris!

O jogo é engraçado, mas o peor é que o paiz é quem tem de pagar as prendas...

O PREGO

O Parisiense, o mais autentico, aquelle que conhece os seus boulevards como os seus

dedos, que conhece os seus monumentos, as suas ruas, como um cocheiro de carruagens, não conhece Paris se não passou um quarto de hora no Monte Pio. Um philosopho ajuntaria, talvez com razão, que n'este caso não é sómente a cidade que elle ignora, é a vida.

Um velho empregado d'aquelle estabelecimento, e que tinha posto as calças muitas vezes em todos os «pregos» de Paris, contou-me mil recordações dos quarenta annos que elle passou aos seus postigos. Fazia-se um volume das suas descripções; historias de ladrões, romances d'amor, dramas de miseria, subterfugios de estudantes...

Um dia, disse-me elle, entre outras cousas; uma joven e bonita rapariga, de desolito annos apenas, da qual o simples vestido indicava ser uma artista, apresentou-se no Monte Pio, onde entregou um pequeno anel de prata indo depois sentar-se sobre o banco de madeira onde os clientes esperam a sua vez.

Que ruim vento a conduzia ali? A falta de trabalho seguramente, porque, bonita como era, seria bastante querer para encontrar fortuna.

A parafuzar com o meu modo de pensar, observava-a com interesse, quando chamaram bruscamente:

—Numero vinte e quatro!

Ella caminhava toda vermelha para o postigo com o seu numero de metal na mão.

—Não se empresta nada por isto, menina; e o empregado devolveu-lhe o seu pequeno anel.

Ella recebeu-o e os olhos encheram-se-lhe de lagrimas, e lagrimas tanto de vergonha como de miseria; e o meu collega tendo pena d'ella, com uma voz meiga explicou-lhe:

Os peritos, menina, não avaliam o seu anel em mais de dois francos, ao preço actual da prata, e o nosso regulamento prohibe-nos os emprestimos inferiores a tres francos. Eu sinto deveras...

Elle passa a tratar com outro cliente.

A joven ia-se embora chorando n'um murmúrio de compaixão. De repente levanta-se um rapaz:

—Perdão, menina. Quer-me permittir o fazer-lhe uma proposta?

Ella teve um movimento de recuar e de exaltar-se; mas a voz do rapaz era tão meiga e tão leal, que ella reprimio a a sua surpresa e escutou-o:

—Eu venho como a menina, pôr o meu anel no prego. Eil-o aqui. Sem ter muito valor, é de ouro e creio que me darão algum dinheiro por elle. Se a menina quer, eu junto-o ao seu e pôde receber o valor d'elle. Accetta?

Ella hesitava:
—Rogo-lhe este favor e dar-me-á prazer em aceitar.
Finalmente, ella consentiu n'aquillo, com um sorriso que lhe seccou as lagrimas.
O Monte Pio deu dezoito francos. Eu os entreguei com reconhecimento ao rapaz, um empregado do commercio, segundo elle m'o declarou dandome o seu nome e direcção.
Com o olhar segui-os até á porta e eu calculei pela sua conversação e pelos seus gestos, a insistencia do empregado em querer fazer aceitar mais que a parte que lhe tocava á pobreza, e a recusa d'esta.
Espectaculo bem parisiense, simples e tocante.

Trad. do Petit Journal

Continua

FACTOS & NOTÍCIAS

Boatos de erise

Ainda não cessaram os boatos de crise ministerial, diz um nosso esclarecido collega, e cada vez se accentuam mais, principalmente ante a attitude da opposição e os fiascos consecutivos que o governo tem feito com as suas reformas e propostas, com as suas mentiras e falsificações.

As ultimas noticias dão como certa a queda ministerial em breves dias, e não se póde calcular outra cousa, em face dos acontecimentos ultimos.

Apprehensão

Noticiamos ha dias n'este periodico a apprehensão do n.º 209 do «Jornal de Melgaço», e que, por emquanto, ainda não era sabido o motivo de tal apprehensão.

Os *organistas*, porém, parece que andam mais ao facto d'estas cousas do que nós, porque no seu ultimo numero, em resposta áquella local, dizem:

«A apprehensão realisou-se pelo mesmissimo motivo porque os *jornaleiros* mudaram o titulo ao seu *pamphlet*—porque a Relação do Porto, para onde os *illustres jornaleiros* recorreram, em busca de justiça, julgou (que decepção!) que não estava regularmente habilitado o seu-editor do sobre-dito *pamphlet*.»

Admittindo que assim fosse, desejavamos que os *organistas* nos dissessem: qual o motivo

POLLETIM

A

Irmã de Caridade

—Conheceis acaso um vosso compatriota, o conde Aleixo de Kisloff?

O barão estremecco, e mostrou uma forte agitação: olhou-me algum tempo em silencio; e por fim disse com voz pausada.

—«Tendes d'elle algum conhecimento?»

—Eu não, senhor; porém conheci em França pessoa que teve com elle muitas relações.»

Tornou a ficar em silencio, olhando-me com ar inquieto e indagador: depois pareceu reflexionar profundamente: a fi-

porque tal apprehensão só agora é que foi feita?

Desejavamos mais que nos dissessem se a auctoridade administrativa, depois de entregar ao juizo um processo por ella instaurado, e de esse processo ter subido, em recurso, á Relação, onde se acha, se tem competencia para fiscalisar os actos meramente da justiça, ou se exerce o cargo de procurador d'esta.

Do que estamos convencidos é que se a auctoridade administrativa não estivesse exercida por um substituto, a sua administração seria mais a contento do concelho.

Fallecimentos

Falleceu no dia 5 do corrente mez, em Lisboa, o sr. José Luiz Soares de Souza Calheiros, importante capitalista d'aquella cidade, nosso estimado patricio e irmão dos srs. Francisco e Henrique Celestino Soares de Souza Calheiros.

Alem de possuir uma alma nobre, sempre prompta a socorrer os desfavorecidos da fortuna, era ainda novo, dotado de excellentes qualidades e finos dotes de coração.

A implacavel parca, pois, acaba de arrebatá-lo mais um ente querido, um irmão dedicado e amigo sincero.

Associando-nos á grande dôr que ora afflige o coração de sua desolada familia, d'aqui lhe enviamos as nossas mais sinceras condolencias.

Em Cerveira, falleceu ha dias a ex.^{ma} sr.^a D. Ermelinda Rosa da Encarnação de Faria Pereira, presada mãe do sr. Manoel José de Faria Pereira, muito digno tabelião privativo do extincto concelho de Valladares. A sua morte foi, geralmente, muito sentida, pois que a finada era uma bondosa senhora.

A toda a familia enluctada, e em especial áquelle nosso amigo, enviamos os nossos mais sentidos pesames.

Em Riba de Mouro, Monsão, finou-se tambem a sr.^a D. Maria Thereza de Barbeitos Padrao, estimada avô do rev. João Luiz Pereira Caldas, digno e illustrado abbade da freguezia de Parada do Monte, d'este concelho.

Os nossos pezumes.

Sermão da Bulla

Realisou-se no domingo passado, na igreja matriz d'esta villa, o sermão da Bulla da

nal respondeu-me com tom decisivo.

—«O conde Aleixo de Kisloff sou eu; o nome de Ostrolow, com que viajo, não é supposto, é outro titulo da minha familia. Agora podereis fazer-me a graça de dizer, quem é essa pessoa de quem falastes?»

Pela minha vez tambem eu fiquei em silencio: esta inesperada declaração surpreendeu-me. Não desejava eu offender o conde; e não sabia como elle tomaria o que eu poderia dizer-lhe.

—«Então, senhor! tornou elle com visivel commoção; não me direis quem é essa pessoa?»

—Uma senhora, que estive na Russia, e conheceu ahi a vossa familia; lhe respondi com alguma hesitação.

—E chamava-se?...

—Não sei se se devo... essa vossa agitação... talvez que...

—Oh! nada tendes que re-

Santa Cruzada, desempenhando-se d'esse mister, com toda a proficiencia, o rev. Antonio José Gonçalves, da comarca de Monsão.

Segundo nos consta, houve grande concorrência de fieis, agradando muito a oração proferida por aquelle distincto orador sagrado.

Hospital da Misericórdia

Passa na proxima segunda feira, 14 do corrente, o duodecimo anno em que foi lançada a primeira pedra para a fundação do magnifico hospital da misericórdia d'esta villa.

Felicitemos, porisso, o seu provedor—sr. José Candido Gomes d'Abreu, cavalheiro e este a quem Melgaço deve o emprehendimento e realisação de esta casa de caridade.

Aos organistas de Melgaço

A nossa vida tem sido um cumulo de protervias, de imprudencias, dizem os *organistas* de Melgaço; e a vida d'elles, perguntamos nós, que tem sido?

Uma vida de *cavalheiros* de boa reputação; e isto que o diga um *morgado*.

Enfleirados no partido politico a que temos a honra de pertencer, dizem elles, não tem havido meio (apezar de todas as vinganças e injustiças) de nos taparem a bocca; e, por pouco, quasi diziam que fomos nós quem reduzimos á miseria o infeliz, mas honrado, Zé de Virteilo.

Completamente desaforados, praticamos as maiores insolencias, (são os *organistas* quem fallam) os mais hediondos insultos contra todas as pessoas que não combatiam ao nosso lado.

Não poupavamos a honra de ninguem, (ainda são os *organistas* que fallam) não respeitavamos os caracteres mais impollutos, (só lhes faltou fallar no do *Gungunhana*) as consciencias mais honestas, e que mais? Mais Nada? Que grande *geremiada!*

O João de Castro, esse que por varias vezes percorre as ruas da villa, ora cantando, ora tirando de frio, não fazia tamanha carpideira.

Pois bem. Em compensação, os *organistas* tem sido d'um *cavalheirismo* sem rival e impossiveis de egualar.

Devem estar muito satisfeci-

cear por mim; e pegando-me da mão, e pondo-a sobre o seu peito, continuou: «bem sentis como elle bate! oh! por compaixão o seu nome?»

—E não vol-o está dizendo o vosso coração?

—Clementina!

—Sim, senhor.

—E onde está ella? vive?... é feliz?

—Feliz! e podeis vós julgar-o?... Mas, senhor conde, acalmai a vossa agitação. Vêde que estamos rodeados de curiosos... Se quereis ter a bondade de acompanhar-me á minha habitação...

—Sim, vamos.»

Eu referi ao conde de Kisloff a historia, que dois annos antes me havia contado a irmã Magdalena, a qual tanto me comovera, e tão tristemente impressa me ficara na memoria: os signaes que lhe dei d'esta Irmã de Caridade não lhe dei-

tos pelo seu proceder, porque realmente tem sido *exemplarissimo*; e nós tambem nos julgamos satisfeitos com o nosso, apesar de ter sido o mais *repugnante*, no dizer dos *organistas*.

Repugnante, porque lhes applicamos o azorrague, não é verdade?

Pois tenham paciencia. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle, diz o rifão; e, quanto ao resto, consultem a sua consciencia, se é que a tem.

S. Braz

Foi muito concorrida a romaria ao milagroso S. Braz, realisada no pittoresco local da capella da Orada, como tinhamos annunciado no nosso ultimo numero.

Fez as delicias da tarde, a excellente phylarmonica do Pombal, a qual, mais uma vez deu prova da merecida fama de que ha muito goza.

Ao seu digno regente, sr. Moraes, enviamos as nossas felicitações.

Anjinhos

Na semana passada, já depois de ter entrado no prelo o nosso jornal, tivemos conhecimento de que succumbira aos estragos d'uma pneumonia, a menina Dores, estremeccida filha do sr. Pedro Augusto dos Santos Gomes, abastado proprietario d'este concelho.

Sentindo o duro golpe por que acabam de passar seus extremos paes, tomamos parte na sua dôr e d'aqui lhes enviamos respeitosos cumprimentos.

Apóz prolongados soffrimentos, falleceu tambem no dia 4 do corrente mez, n'esta villa, uma filhinha do sr. Manoel Avelino Cerdeira, honrado industrial.

Sentimos.

Será damnado?

No domingo ultimo, quando passava pela estrada real n.º 23, d'esta villa para S. Gregorio, o distribuidor d'este jornal—Augusto de Mendonça, saiu-lhe ao caminho um cão pertencente ao sr. Germano d'Amaral Albuquerque, actual secretario da camara municipal d'este concelho, mordendo-o muitissimo e chegando a esfarrapar-lhe o fato.

Dias antes, tinha feito a mesma partida a um rapazito do logar d'Assadura.

Será damnado?

Já não haverá *bullas*? Cha-

xaram duvida alguma, assim como eu a não tinha, de que era ella a mesma Clementina. O conde resolveu partir para Paris no dia seguinte, e pediu-me instantemente que o acompanhasse, visto ter-lhe declarado que só viera a Wisbaden para divertir-me. Não tinha eu duvida n'isso, e até desejava contribuir, quanto em mim fosse, para a ventura da pobre Clementina; restava porém um ponto a esclarecer, e eu disse ao conde.

—«Mas, senhor... a vossa familia... a vossa esposa?»

—Oh! desculpai-me; deveria ter-vos já dito, que estou livre para reparar o mal que hei feito. Minha esposa, se é que ella o foi, pois duvido agora que podessem ser desfeitos os primeiros laços que havia contrahido ante os altares; mas, em fim, a minha esposa depois de tres annos de uma união, que

mamos para este assumpto a attenção da auctoridade administrativa.

EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes que se acham em debito da sua assignatura pedimos, para regularidade da nossa escripturação, a fineza de mandarem satisfazer a importancia da mesma, pelo que muito agradecidos lhe ficaremos.

Chorando...

O «Melgacense» no seu ultimo numero, recordando... *peccatos velhos*, queixa-se de que em 1895, quando tratavam de o crear, o então administrador d'este concelho lhes *inferiu* a declaração que Julio Augusto Passos d'Almeida lhe tinha apresentado, como editor, com o fundamento de que já havia outro jornal habilitado com o mesmo titulo, e que nem por isso se apresentaram como victimas da prepotencia da auctoridade.

Diz mais que depois da memoravel eleição municipal de 1895, aquella auctoridade forjou contra varios progressistas accusações falsissimas, chegando a alliciar testemunhas falsas para comprometter os seus amigos! E elles nem por isso ainda se queixaram da perseguição da auctoridade. (Que bellas pessoas!)

Depois d'aquellas *accusações falsissimas*, diz que fomos nós, tendo á nossa frente um patife, quem *organismos* uma denuncia torpe contra um dos dirigentes progressistas para lhe fazerem pagar muitos contos de reis de multa por falta de *sello de bulla e breve* de uma capella, existente ha mais de um seculo e comprada em hasta publica. E ainda nem assim carpíram nem tornaram notória a vingança reles. Riram-se apenas. (E' o que pode dizer-se: isto não são homens, são uns seraphins.)

Depois, porque o editor do referido periodico—Julio d'Almeida—se ausentou d'esta comarca, (são elles quem fallam) tratamos nós de fazer queixa em juizo porque o jornal se publicava sem editor!

E elles não ligaram importancia ao facto.

Quando publicaram um numero do jornal «O Norte», de que tambem era editor aquelle Julio d'Almeida, foi logo por nós dada outra queixa para juizo, porque aquelle jornal não

o seu orgulho e dissipação me tornaram insupportavel, morreu victima de seus desregramentos: oh! ella com o seu proceder viugou bem aquella que por sua causa eu havia tão indigna e barbaramente abandonado!»

O conde continuou a contar-me tudo o que se passara depois da partida de Clementina. Elle amava-a sem duvida; porém a inconsideração da mocidade, a seducção dos atrativos da condessa, a força da ambição e do orgulho, e os conselhos e suggestões de seus parentes o haviam cegado por algum tempo: tinha sido mais fraco do que criminoso. Sua mesma familia se arrependera da parte que havia tomado n'esta injustiça; e foi com o seu inteiro consentimento que logo depois da morte da condessa elle partira para Paris em procura de Clementina. Continua.

estava habilitado, estando-o! E elles ainda nem assim se queixaram da vingança que contra si se exercia. (Que paciência!)

Por ultimo, dizem que nós seguimos outro systema, completamente opposto. (Não se enganam.)

Sem que ninguém nos persiga, sem que ninguém exerça sobre nós vinganças, que gritamos, berramos, barafustamos contra a prepotencia da auctoridade, appellidando-a de despótica e tyrannica.

Que parece que é o medo que nos faz berrar, e que continuemos.

Se o digno administrador que foi d'este concelho lhes *indefereiu* aquella declaração com o motivo de que já havia outro jornal habilitado com o mesmo titulo, não de concordar que nada mais fez do que cumprir com o seu dever; e por isso, se os *organistas* se não apresentaram como victimas d'esta prepotencia (?) andaram acertadamente, porque não tinham motivo para mais.

Se o administrador, depois da eleição, instaurou (não forjou) contra varios progressistas accusações, (falsissimas ou verdadeiras?) é porque havia motivo para ellas, as quaes alguma cousa deram e outras ainda o poderão vir a dar, muito embora seja mais tarde.

—Se a denuncia dada contra um dos dirigentes progressistas não *pegou*, podia *pegar*. E' que a colla era *fraca*, mas para outra vez será mais forte.

—Se nos queixamos em juizo da falta de editor do seu periodico, nada mais fizemos do que pagar-lhes na mesma moeda; a lei é igual para todos. Não sabiam?

E a prova d'isto é que, depois d'essa occasião, não demorou muito tempo em habilitarem novo editor. Não é verdade? Digam que sim, para não mentirem!

—Se igualmente nos queixamos em juizo pelo apparecimento do jornal «O Norte», ifoi pela razão de que o seu editor se achava, como acha, ausente d'esta comarca; e, se assim não é, para que foi mandado intimar o dono da typographia—padre José Caetano Esteves, de Monsão, afim de, não mais, publicar tal periodico?

Por ultimo e em resposta ao seu derradeiro quesito, dir-lhe-hemos que seguimos outro systema, outro caminho, muito differente d'aquelle que seguem os *organistas*.

Segritamos e blasphemamos muitas vezes, é porque assim é preciso; e, occasiões ha, em que tudo é pouco.

Não é o medo que nos faz berrar; é a obrigação que contrahimos de censurar os actos menos dignos d'aquelles que os praticarem, embora seja Pedro, Sancho ou Martinho.

E, como os *organistas* teem sido *contemplados* por varias vezes, á qui d'El-Rei; *quem acóde á casa do tricó, que arde só?*

E, para isto, vem com um aranzel de tal ordem, que nem sequer é digno de *registro*.

Madame "Sans-Gêne,"

Recbemos as cadernetas n.ºs 10 e 11 d'este excellente romance militar de Edmond Lepelletier, o qual tem obtido o maior successo dramatico dos ultimos tempos e é editado pela empresa do jornal «O Seculo».

Apertos

Tlim, tlim, trrrrim...
—Quem chama com tanta força?

—E' o Linguarudo, menina. Desculpe o meu atrevimento.

—Ora essa, não tem de que. Desejava alguma cousa?

—Sim, minha menina. Desejava fallar ao sr. Anacleto. Está cá?

—Está, sim senhor. Tenha a bondade de entrar e esperar um bocadinho, que vou dar conhecimento da sua chegada.

—Pois então, vá lá, vá lá.

—O sr. Anacleto manda dizer que tenha paciência em o fazer demorar por mais cinco minutos, pois que lhe está aparando os calos o mestre Agostinho.

—Não ha duvida, menina. Diga-lhe que esteja á vontade. Eu não tenho pressa.

—Ora, viva! Então como passa?

—Graças a Deus, amigo Anacleto. Poremquanto não ha novidade.

—Desculpe-me não lhe ter apparecido logo que chegou, mas um maldito callo que tenho no dedo grande do pé esquerdo, obrigou-me a mandar chamar o mestre Agostinho para lhe fazer a barba.

—Pois amigo, participo-lhe que vim pagar metade da decima, e, vindo á villa, deixaria de cumprir com os meus deveres, senão viesse agradecer-lhe o favor que me fez, mandando olhar a bocca ao meu *bacorinho*; assim como tambem desejava que me dissesse uma outra cousa.

—Nada tem que me agradecer, e, quanto ao resto, se eu souber...

—Se o amigo Anacleto não souber, deve saber-o o tal sr. Lourenço.

—Então, ainda é a respeito do *bacorinho*? Não comê bem?

—Comer... agora parece que já vae indo, mas estou descontente com elle por causa d'uma outra doença que lhe appareceu.

—Então, que é? Que doença é que lhe appareceu?

—Olhe, amigo Anacleto, eu comprei-o por novo e de boa *raça*, porém parece-me que fui logrado.

—Homem, desembuche. Que diabo tem o seu *bacorinho*?

—Começou a cair-lhe o *pel-lo* de tal forma que, na cabeça, já está quasi careca.

—Isso é extraordinario!... Pois um *bacorinho* que parecia novo, e cair-lhe já o *pel-lo*!

—E' verdade, amigo Anacleto. Parece engraçado.

Primeiro começou por não comer bem, a ponto de ser preciso olhar-lhe a bocca, como vocemecê sabe, e agora cae-lhe o *pel-lo*!

Deve ser de muito *má raça*, amigo Linguarudo.

—Tambem, pelo preço!

—E' verdade; quanto lhe custou, ao certo?

—Dezoito tostões com trez vintens e meio.

—Quer que lhe diga uma cousa, com franqueza?

—Diga, amigo Linguarudo, diga; você bem sabe que somos amigos de ha muito tempo.

—Eu nunca gostei d'elle. Logo que o vi, disse cá com os meus botões: fos-te comido.

—Então, porque?

—Achei-o muito *negro* demais, e os *bacorinhos* muito *negros*, quasi sempre saem de *má raça*; principalmente tendo a *perna curta*, *orelhas grandes* e *focinho comprido*.

—Homem! por fallar em focinho, tem geito de ser o que vocemecê acaba de dizer.

—Então que mais aconteceu? fossa muito na corte, não?

—Se fosse só isso! E' que no dia em que o comprei, quando o amigo Ambrozio m'o ajudava a conduzir para casa, não sei por que artes, o demo do *bacorinho*, deu-lhe tamanha fucinhada nas costas, que tirou com e'le de bruços.

—Valha-me Deus. E' maguou-se, amigo Linguarudo?

—Felizmente, não houve novidade.

—Pois étimo, étimo. Quer saber o remedio que lhe aconselho para semelhante estafermo?

—Diga lá.

—E' perder a amizade aos dezoito tostões com trez vintens e meio, e... ou deitar-lhe a bola ou afogal-o.

Semelhante *bacorinho*, não é porco, é o diabo.

—Diz bem, amigo Anacleto; o melhor é deitar-lhe a bola. Que o leve Satanaz!

Até outro dia.

Linguarudo

CAMARA MUNICIPAL
Sessão de 3 de fevereiro

Presidência do sr. Domingos Ferreira d'Araujo.

Lida a acta da sessão anterior, foi esta modificada na parte relativa á licença pedida pelo sr. Feliciano Candido d'Azvedo Barroso, para abrir uma porta, para o lado do sul, na sua casa de morada, e assim poder-lhe ser marcado o respectivo nivelamento. Deliberou-se que a camara, em vistoria, resolvesse sobre o assumpto.

—Por um individuo da freguezia de Chaviães, cujo nome ignoramos, foi dada queixa á camara de que, em tempos que já vão longe, fôra vedado um logradouro publico.

—O arrematante da estrada municipal de Prado a Paderne pediu novamente á camara que resolvesse sobre as queixas que os proprietarios confinantes com a mesma estrada continuamente lhe estão fazendo, em virtude dos aqueductos feitos lhes não levarem as aguas até onde são devidas, ao que o vereador Pires respondeu:—que reclamem.

N'esta occasião achava-se presente o sr. João Antonio Pereira, abastado proprietario, do logar do Barral, o qual, segredando ao ouvido dos vereadores Pires e Felix de Souza, foi reprehendido pelo sr. presidente.

—Quasi no fim da sessão, compareceu o sr. administrador substituto em exercicio, pelo qual foi dito á camara que o campo da Feira Nova (vulgo do gado) está sem arvôres, respondendo-lhe o vereador Pires que o custo de meio cento, no Porto, era de vinte e tantos mil reis, e que por isso resolvera aproveitar as que nasceram em frente ao cemiterio publico.

Já veem que os assumptos tratados e resolvidos n'esta sessão, foram *importantissimos* e *economicos*; principalmente o aproveitamento das arvôres que nasceram em frente ao cemiterio publico.

—Apezar de ter sido alcançado de burro e estúpido o auctor dos communicados publicados no «Jornal de Melgaço», relativamente á má fiscalisação das obras da estrada de Paderne, a coisa vae saindo certa, pois

que já é o proprio arrematante quem vem perante a camara pedir se resolva sobre as justificadas queixas dos proprietarios.

A' vista d'isto, burro e estúpido foi ou é quem não vê mais adiante do nariz.

—Mais uma vez recommendamos ao sr. presidente queira ter o incommodo de fallar bem alto, de forma que todos ouçam o que se diz e passa durante a sessão, afim de não termos o desgosto de o censurar porisso.

Baptisados

Na ultima quinta feira, foi baptisada solemnemente na egreja matriz d'esta villa, uma filhinha do sr. Domingos José de Moraes, muito digno primeiro sargento da guarda fiscal.

Foram padrinhos o sr. Francisco Constantino Verissimo, illustrado commandante d'esta secção e sua irmã a ex.^{ma} sr.^a D. Anna Leoguarda Verissimo.

A' recém-nascida foi dado o nome de Rachel.

As nossas felicitações.

No mesmo dia, foi tambem baptisado um filhinho do sr. Luiz Augusto Garcia, intelligente typographo d'este jornal, ao qual foi dado o nome de Roberto Ivens.

Parabens.



Fazem annos:

Domingo—o sr. João Victorio dos Santos Lima.

Quarta-feira—as ex.^{mas} sr.^{as} D. Leonidia e D. Albina Rosa de Vasconcellos Mourão Rodrigues Passos.

CARTERA

Foi a Paços de Brandão, o rev. Caetano Fernandes, illustrado abbadé d'esta villa.

—Está em Prado, o sr. Bernardo José Domingues Salgado, apreciavel cavalheiro de Vianina.

—Vimos aqui na quinta feira passada, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhinhos, o sr. Alfredo de Souza e Castro, abastado proprietario de Ceivaes.

—Partiu para o Porto, o sr. Manoel Joaquim da Silva Rodrigues, importante capitalista d'este concelho.

—Esteve entre nós, o sr. João Alves da Cunha, honrado industrial de Valença.

—Em goso de licença, acha-se n'esta villa, o sr. Manoel José da Costa, muito digno escripturario da repartição de fazenda, de Obidos.

—Esteve aqui alguns dias na semana passada, o sr. Francisco Antonio do Amaral, estimado empregado commercial da cidade do Porto.

ANNUNCIOS

Arrematação

No dia 20 do proximo mez de fevereiro, ás 11 horas da

manhã, á porta do tribunal judicial se hão de vender os seguintes bens: Uma de quatorze partes do «Barbeito das Poças», no valor de 15000—Uma de quatorze partes dos «Vallados da Costeira», no valor de 15428—Uma de quatorze partes do «Campo de Subacasa», no valor de 45285—Uma setima parte da leira das Cancellas, no valor de 15142—Uma setima parte da leira de Cubalhão de baixo, no valor de 25885—Uma setima parte da leira dos Refontrusos de baixo, no valor 857—Uma setima parte da leira de Refontrusos (a do meio) no valor de 857—Uma setima parte da leira da «Horta do Charco», no valor de 428; todos sitios nos limites do logar de Pomares, da freguezia de Paderne; arrematação que tem logar por virtude da execução que a Fazenda Nacional move contra Joaquim Alves, solteiro, do mesmo logar e freguezia, para a qual são citados os credores incertos.

Melgaço, 29 de janeiro 1898.

Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Mendes d'Alcantara
O escriptão,
Antonio Severo de Freitas

Arrematação

No dia 20 do proximo mez de fevereiro, ás 11 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial se hão de vender, a quem mais der, os seguintes bens: a metade do Barbeito das Poças, no valor de 75000 réis—a metade dos Vallados da Costeira, no valor de 115000—a metade do Campo de Subacasa, no valor de 325000—a leira da Coutada da Gandara no valor de 65000—a leira da Cancellas, no valor de 85000—a leira dos Refontrusos, no valor de 85000—a leira do Baracal, no valor de 125000; todos sitios nos limites do logar de Pomares, freguezia de Paderne; arrematação que tem logar por virtude da execução que a Fazenda Nacional move contra Ludovina Rosa Afonso, solteira, do mesmo logar e freguezia, para a qual são citados os credores incertos.

Melgaço, 29 janeiro de 1898

Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Mendes d'Alcantara
O escriptão,
Antonio Severo de Freitas

ALUGA-SE

Manoel Joaquim de Souza e Castro Moraes Sarmento, da casa do Pombal, freguezia de Remoães, previne os seus amigos de que, a contar de 1 de março proximo em diante, aluga, por preços modicos, um vehiculo de quatro rodas com dois cavallos.

Pombal, 5 de fevereiro de 1898.

Antonio Maria Guerreiro
PROFESSOR

d'instrução primaria e secundaria, auctorisado pelo ministerio do Reino, habilita para exame no lyceu e no seminario, para o Magisterio primario e para o Commercio.

Approvações obtidas nos exames dos seus alumnos 236. Distincções..... 14.

CAMINHA

TYPOGRAPHIA

(NO)

JORNAL DE MELGAÇO

LARGO DA FEIRA NOVA (vulgo do gado)
MELGAÇO

Esta casa typographica, encarrega-se de todos os trabalhos typographicos, como jornaes, livros, cartazes e programmas para theatros, mappas, memoranduns, cartas funebres, bilhetes para rifas, facturas, participações de casamento, recibos para confrarias, e juntas de parochia, etc.

CARTÕES DE VISITA

Desde 300 a 600 réis o cento.

CARTÕES DE LUTO

Desde 600 a 800 réis o cento.

Encarrega-se tambem de impressos para repartições publicas e camaras municipaes por preços modicos.

FAZENDAS PARA INVERNO

Vender muito e ganhar pouco é o systema adoptado na

LOJA NOVA

ANTONIO JOAQUIM ESTEVES

PRAÇA DO COMMERCIO
MELGAÇO

Chegou a este estabelecimento grande e variado sortido de fazendas proprias para a presente estação de inverno, que se vendem mais baratas do que na Galisa.

O proprietario d'este conhecido estabelecimento chama a attenção, e pede aos seus numerosos freguezes e amigos a fineza de verem os preços e qualidade dos seguintes artigos:

- Flanellas de côr para factos. Gostos lindissimos.
- Cazemiras.
- Meltão.
- Flanellas azuis.
- Panno azul.
- Cheviotes.
- Picotillos muito bons, a 700 réis o metro.
- Castorinas.
- Cheviotes a 600 réis.
- Chailles a 600 rs. Ditos de carapinha, muito modernos.
- Cobertores.
- Flanellas para camizas.
- Fazendas de lã para vestidos de senhora.
- Sortido completo de riscados a 50, 60 e 70 réis.
- Pañão enfiado para lençoes.
- Pannos branqueados.
- Pannos crus.
- Morins, desde 100 réis a 180, o que ha de melhor.
- Panninhos para forros.
- Algodões e miudezas.
- Completo sortido de cotins.
- Sortido de chancas para homem e senhora.
- Todos os generos de mercaderia.
- E muitos outros artigos que tudo vende por preços sem competência.

À LOJA NOVA
DO ESTEVES

MELGAÇO

LOJA NOVA DO
CANTINHO
MELGAÇO

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso, negociante, d'esta villa, participa aos seus ex. mos freguezes, e ao publico em geral, que acaba de mudar o estabelecimento que tinha na praça do Commercio, denominado (antiga Casa do Rainha) para o seu predio sito no largo do Chafariz, aonde já tinha e tem outro estabelecimento denominado «Loja Nova do Cantinho», no qual espera continuar a receber as ordens dos ex. mos srs. que desejem ter a deferencia de procural-o.

Melgaço, 1 de janeiro de 1899.
Feliciano Candido d'Azevedo Barroso.

PHARMACIA BARREIRO

(PERFUMARIA)

- Pós de arroz superior.
- Arminhos para applicação dos mesmos.
- Aguas de colonias finas.
- Escovas para a cabeça.
- » » dentes.
- Cosmeticos.
- Pós de dentes.
- Pincéis para barbeiros.
- Sabão em pó.
- Sabonetes de diferentes qualidades.
- Agua Florida.
- Tónico Amarello.
- Rum & Quina.
- Tinteiros para algebeira.

E tudo o mais pertencente a perfumaria, que vende por preços baratissimos.

O MESTRE POPULAR

APERFEIÇADO

Francês e o Inglês sem mestre EM 50 LIÇÕES

Novos methodos facilissimos que permitem a qualquer pessoa aprender a fallar, escrever e traduzir correctamente as linguas francezas ou inglezas, por

JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA JUNIOR

(OSCAR NEY)

PROFESSOR E JORNALISTA

Obra completa para qualquer das linguas 25000 réis—1 fasciculo semanal 80 réis.

Empieza editora do «Mestre Popular» aperfeiçoado—Travessa dos Remedios 3, 2.º (ao caminho de Ferro.)

LISBOA

Bordadeira e Moda

Portugueza

ARTE DE CORTAR E FAZER VESTIDOS SEM MESTRE

SUPPLEMENTO À BORDADEIRA E MODA PORTUGUEZA

Principiou a publicar-se no dia 20 de setembro e continuará em todos os numeros. Preço da assignatura da «Bordadeira», com este supplemento: Anno, 25000 réis. Semestre, 12500 réis. Preço avulso do jornal e supplemento, 100 rs. Não se vende em separado do jornal este supplemento.

ATELIER

PHOTOGRAPHICO

DE

SILVA AMORIM

16, RUA DE S. SEBASTIÃO, 18

VIANNA DO CASTELLO

Tiram-se retratos desde miniatura ao tamanho natural. Inalteraveis.

PERFEIÇÃO E NITIDEZ

Opera-se com todo o tempo, desde as 9 horas da manhã ás 4 da tarde.

RETRATOS «MIGNONET»

A 800 REIS A DUZIA

Ampliações photographicas, retratos a crayon e todos os trabalhos concernentes a photographia.

Especialidade em retratos de criança.

Grande redução de preços para retratos de costumes do Minho.

16, Rua de S. Sebastião, 18

VIANNA

N'esta mesma casa encontra-se montada a

RELOGIARIA MODERNA

que esteve na Praça da Rainha, alguns annos. Fazem-se toda a qualidade de concertos em relógios por mais difficeis que sejam.

RUA DE S. SEBASTIÃO, EM FRENTE AO GRANDE HOTEL EUROPA

VIANNA

CONTRA A TOSS E XARQUE PEITORAL JAMES

Unico legalmente autorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e approved nos hospitales. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Depositos nas principaes pharmacias.

Loja Nova do Cantinho

AVISO AO PUBLICO

O proprietario d'este estabelecimento previne o respeitavel publico em geral que acaba de fazer grandes abatimentos nos artigos que constituem o seu commercio, os quaes só vistos se poderá acreditar na veracidade do que se annuncia.

Visitem, porisso, a Loja Nova do Cantinho, para poderem verificar a grande redução de preços que o seu proprietario ultimamente fez.

Melgaço, 1 de janeiro, de 1899.

Feliciano Candido d'Azevedo Barroso (o Cantinho)

CONTRA A DEBILIDADE

Vinho Nutritivo de Carne

Unico legalmente autorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal: «doughentos» legitimados pelo consul geral do Imperio do Brazil: muito útil na convalescença de todas as doencas; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados; e excita o appetito de um modo extraordinario. Em casos d'este vinho, representa um bom bde. Achase a venda nas principaes pharmacias.

PAPEL PARA EMBRULHO

Vende-se n'esta redacção a 800 réis cada 15 kilos.

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco

Esta farinha, que é um excellente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças, e ao mesmo tempo um precioso medicamento que pela sua acção tónica reconstituinte é do mais reconhecido provelto nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que careçam de forças no organismo. Está legalmente autorizada e privilegiada.

No Jornal de Melgaço

ORGAO DOS INTERESSES LOCAES

Proprietario,

D. A. de Magalhães

ASSIGNATURAS.	ANNUNCIOS
Anno 15000 réis	Por cada linha 30 réis
Semestre 6000 »	Outras publicações, com tracto especial.
Africa (anno) 25000 »	Numero avulso 20 »
Brazil (») 35000 »	

Impresso na typographia No Jornal de Melgaço—Largo da Feira Nova (vulgo do gado)—Melgaço.

EDITOR—Manoel Joaquim Esteves Calçada